

**EM TORNO  
DA INSCRIÇÃO  
A MARTE, DE SINES**



Pedestal dedicado, em Sines, a Marte Augusto.  
Foto de Guilherme Cardoso.

Tive ensejo de estudar, a 9 de Abril de 1992, no Museu Arqueológico de Sines, por especial deferência do seu director, Dr. José Miguel Costa, o pedestal com inscrição dedicada ao deus romano da guerra: Marte.

O texto revestia-se de tal relevância histórica que não hesitei em dele dar imediato conhecimento em dois jornais regionais<sup>1</sup> e referi-me à sua existência em dois outros trabalhos entretanto publicados<sup>2</sup>. Na verdade, mesmo antes de proceder ao seu estudo epigráfico, afigurei-me que importava divulgar, de imediato, um monumento que, pelas suas características, se apresentava – e ainda apresenta – como bem sugestivo no que concerne à vida das gentes que, ao tempo dos Romanos, pelo território hoje de Sines estanciamam.

**O MONUMENTO**

Uma vez que foi publicado numa revista de circulação sobretudo entre os especialistas na ciência epigráfica<sup>3</sup>, não será, porventura, despiciendo que ora se resumam alguns dos dados mais importantes então esclarecidos – e que vou seguir de perto.

Assim, estamos perante uma base de estátua, de mármore de S. Brissos, que fora retirada, por volta de 1983, da torre rectangular oca que olha a sul, no castelo. O primitivo bloco romano, afeiçoado a rigor, serviu de peso de lagar numa altura em que já se não compreendia o significado das letras nele apostas e, por ocasião da construção da muralha, estavam mesmo a jeito as suas dimensões – 96,5 x 54,5 x 41,5 cm – para nela se incorporar, em lugar de se irem buscar outras pedras bem mais longe!

Denunciam a sua utilização como peso de lagar, no topo superior, uma concavidade central, para assentamento do eixo do sarilho; e, nas faces laterais, as ranhuras para os queixais de madeira: mede, a do lado esquerdo, 92 x 8/19 cm e a do lado direito 42 x 8/19 cm<sup>4</sup>.

A inscrição, em língua latina, datável, mui provavelmente, da segunda metade do século II da nossa era, apresenta-se como é habitual em monumentos deste género: em letras maiúsculas, paginada de forma a obter-se uma leitura fácil, e o lapicida recorreu ao uso de siglas e de abreviaturas no caso de palavras que, por serem correntes, na época toda a gente percebia<sup>5</sup>. Feito o desdobramento dessas siglas e abreviaturas, diz a inscrição o seguinte, em texto corrido:

*Signum Marti Augusto. Cicerius Iuvenalis augustalis ex testamento poni iussit. Masclionus (?) sive Raicirri [...] ponendum (?) curavit.*

Os pontos de interrogação assinalam as palavras que se consideram duvidosas, ainda que passíveis de figurarem na pedra; as reticências entre parêntesis rectos pretendem assinalar que há nesse local da epígrafe letras que o natural desgaste provocado pelas sucessivas reutilizações acabou por obliterar.

**1**  
«No tempo dos Romanos, Sines teve uma estátua do deus Marte» em: *O Distrito de Setúbal*, 18-08-1992, p. 12; e *Litoral Alentejano* (Out/Nov 1992, p. 3).

**2**  
In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33 (1-2), 1993, p. 317, com foto; e na revista *Conimbriga*, 30, 1991, p. 183 [a anterioridade da data em relação ao estudo justifica-se por esse número da revista, ainda que datado do ano anterior, só ter sido preparado em 1992].

**3**  
No nº 51, de 1996, da revista *Ficheiro Epigráfico*, editada pelo Instituto de Arqueologia de Coimbra, inscrição nº 230. Daí foi retirada a informação para a revista editada em Paris, *L'Année Epigraphique*, 1996, inscrição nº 838; e para a revista *Hispania Epigraphica* (editada em Madrid), 6, 1996, nº 1075.

**4**  
Registe-se que também outro monumento epigráfico romano então estudado (*ibidem*, sob o nº 231) e exposto no mesmo museu apresenta vestígios de utilização como peso de lagar. Dessas sucessivas reutilizações sofreu o pedestal ora em análise. E a existência de lagares perto fica assim documentada.

**5**  
Ainda que possamos ter alguma dúvida quanto ao significado exacto de cada uma das siglas, sabemos o que significa PSP, CDS, GNR (por exemplo) e, estando em Sines, CMS! O recurso a siglas e abreviaturas é perfeitamente compreensível: poupa-se espaço e dinheiro e ganha-se

Em português, o texto quer dizer:<sup>6</sup>

*Estátua a Marte Augusto. O augustal Cícero Juvenal mandou colocar por testamento. Mascliono – também chamado Raicirri... – tratou de executar a cláusula testamentária.*

Texto aparentemente singelo, a documentar uma situação frequente no mundo romano, como o é na actualidade: antes de morrer, Cícero Juvenal determina, por testamento, que os beneficiários da sua herança mandem fazer, em seu nome, uma estátua ao deus Marte na sua qualidade de Augusto – tal como alguém, agora, deixasse em testamento a sua fortuna com a obrigação de mandarem celebrar tantas missas por sua alma ou, como acontecia em tempos mais remotos, erguer capela numa igreja em honra do santo de sua devoção.

Por conseguinte, um dado importa desde já sublinhar: trata-se de uma atitude religiosa, resultante quicá de uma promessa feita, mas seguramente reflexo da grande devoção que o dedicante teve para com esta divindade. Contudo, porque aí figura o seu nome, a oferenda consubstancia também a intenção de, assim, ficar publicamente perpetuada a sua memória – e este aspecto não é de menor significado político-social.

Há, pois, que contextualizar os elementos em presença, a fim de melhor compreendermos o alcance de um monumento assim.

## A SINES ROMANA

Sines, na época dos Romanos, seria, naturalmente, como hoje, porto de mar. Desconhece-se se existiria aí uma povoação renomada, dada a omissão de referências a qualquer topónimo que a pudesse identificar.

Quando, em 1988, Jorge Alarcão deu a lume o inventário sobre o «Portugal romano», de Sines escreveu o seguinte, fazendo-se eco da bibliografia que consultara:

«Mosaicos, um hipocausto, cerâmica doméstica incluindo *sigillata* e *sigillata* clara, moedas, fíbula, vidros, inscrições funerárias. Foi certamente o porto que servia a cidade de “Mirobriga”. A ocupação visigótica parece ter sido importante, a julgar por restos de um templo do século VII. Foi também localizado um forno cerâmico»<sup>7</sup>.

E, no volume de síntese que antecede esse inventário<sup>8</sup>, afirma, ao falar da rede viária, que um ramal de via romana «ligaria *Mirobriga* a Sines, *vicus* que funcionava como porto da cidade mirobrigense». Por conseguinte, três aspectos a sublinhar:

- Sines teria sido um *vicus*, ou seja, aldeia sem estatuto próprio nem organização administrativa autónoma (tal como acontece com as nossas aldeias);
- era um porto;
- estava em ligação directa com a cidade de *Mirobriga*, designação toponímica que tem vindo a ser dada ao conjunto de vestígios seguramente urbanos identificados, desde longa data, no chamado «Castelo Velho», junto a Santiago do Cacém<sup>9</sup>.

Pegando nesta ideia da relação íntima com *Mirobriga* e porque nesta existiu um santuário dedicado, pelo menos, a Esculápio<sup>10</sup>, afirma Vasco Mantas, ao falar dos portos marítimos romanos<sup>11</sup>, que «certos santuários tiveram também instalações portuárias privadas, infelizmente mal conhecidas. Seguramente seriam planeadas de forma a movimentarem grande número de passageiros por altura das peregrinações»; e acrescenta:

«O porto de Sines, que parece ter sido importante durante o domínio romano, serviu o santuário de Esculápio que existiu em *Mirobriga*, perto de Santiago do Cacém» (p. 31).

Opinião que explicita, em nota:

«Os testemunhos sobre actividades portuárias em Sines são, por ora, principalmente de tipo epigráfico, confirmando as relações com *Mirobriga*, onde sabemos ter existido um importante culto a Esculápio».

na legibilidade do texto, que se torna mais fácil de apreender.

**6**  
Coloquei a pontuação, que numa epígrafe nunca existe; e adoptei uma linguagem corrente, sem o estilo lapidar das inscrições, para que melhor se entendesse.

**7**  
Veja-se *Roman Portugal*, Warminster, 1988, vol. II, fasc. 3, p. 172: 7/19 Sines.

**8**  
*O Domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1988, p. 101.

**9**  
Cf. D. Fernando de ALMEIDA, *Ruínas de Miróbriga dos Céticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, 1964. E como síntese para o grande público: Susana CORREIA, *Roteiros da Arqueologia Portuguesa – Miróbriga*, Lisboa, IPPC, 1990. Teve fórum, umas termas cujas dimensões apontam para serem públicas, e um circo: cf., do mesmo D. Fernando de ALMEIDA, «Nota sobre os restos do circo romano de Miróbriga dos Céticos», *Revista de Guimarães*, 73, 1963, p. 147-154.

**10**  
Cf. D. Fernando de ALMEIDA, «O santuário romano, campestre, de Miróbriga dos Céticos», *Revista de Guimarães*, 78, 1968, p. 92-96.

**11**  
Vasco Gil Soares MANTAS, «Portos marítimos romanos», *Memórias da Academia de Marinha*, VIII, 2000, p. 5-60.

**12**  
Era habitual entre os augustais oferecerem estátuas às divindades de sua devoção: cf. Robert ÉTIENNE, *Le Culte Imperial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1958 (reimp. 1974), p. 280.

**13**  
José d'ENCARNAÇÃO, «Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense», *Conimbriga*, 35, 1996, p. 135.

**14**  
Cf. Juana RODRÍGUEZ CORTÉS, *Sociedad y Religión Clásica en la Bética Romana*, Salamanca, 1991, p. 76-81.

**15**  
Vasco Gil MANTAS, «Os exércitos, a força, a vitória e seus deuses no contexto da província da Lusitânia»,

## A DIVINDADE

Interessará, pois, debruçarmo-nos mais em pormenor sobre o conteúdo da epígrafe.

Em primeiro lugar, atente-se que começa por ser uma espécie de legenda: explica que estamos perante uma estátua ao deus Marte Augusto. A palavra latina *signum* significa que se trata mesmo de estátua da própria divindade, pois para os homens o vocábulo usado seria *statua*. Compreende-se que a divindade seja adjectivada de Augusta, pois o dedicante é um augustal, ou seja, um liberto membro do colégio sacerdotal eleito anualmente para zelar pelo culto local ao imperador<sup>12</sup>. Era, pois, *Cicerius* destacado elemento da sociedade local, detentor, sem dúvida, de bons proventos económicos, que lhe permitiram deixar em testamento este oneroso encargo. Certamente foi estátua de mármore e não de bronze; mas, mesmo assim, o seu custo nunca seria desprezível.

E esta observação leva-nos a pensar que, afinal, poderia ter existido em Sines uma população que não estaria apenas na dependência de *Mirobriga*, quiçá constituída, em boa parte, por imigrantes, porventura itálicos, «característica perfeitamente aceitável atendendo à localização geográfica de Sines e à sua actividade como entreposto marítimo», ou, dizendo por outras palavras, como tive oportunidade de sugerir, este monumento pode «contribuir para repor a questão do relacionamento institucional entre os dois aglomerados populacionais, ambos deveras importantes na época romana»<sup>13</sup>.

Não é nada frequente a referência ao culto a Marte Augusto na Lusitânia, ao contrário do que sucede, por exemplo, na província da Bética<sup>14</sup>. Aliás, como também Vasco Mantas confirmou<sup>15</sup>, apenas se conhecia, até há pouco, mais um exemplo, em *Conimbriga*<sup>16</sup>. Trata-se este de um monumento de características raras, uma espécie de pilar octogonal, «notavelmente trabalhado». Por esse motivo e dada a forma como o dedicante se identifica, R. Étienne e G. Fabre consideraram muito provável a suposição de estarmos perante alguém de «origem não-lusitana», «fortemente romanizado e de um meio económico abastado, como o testemunha a qualidade da dedicatória» (p. 35). Tendo como base da sua argumentação esse monumento e outros interessantes indícios, Virgílio H. Correia chega a considerar a possibilidade de o fórum da cidade ter estado especialmente ligado ao culto de Marte na sua conotação de divindade imperial<sup>17</sup>. E essa hipótese acaba de ganhar mais consistência com a publicação de mais uma epígrafe dedicada a Marte Augusto nessa cidade lusitana, copiada no século XVIII, mas hoje desaparecida, em que, tal como acontece em Sines, se dá conta do cumprimento de uma solicitação expressa feita nesse sentido: por mandado (*ex mandatu*) de Gaio Calpúrnio Flaco; foram os pais do mandante, Gaio Calpúrnio Frontão e Orbia Flacila, que trataram de dar cumprimento a esse pedido<sup>18</sup>.

Mas conhecemos outra inscrição dedicada a Marte Augusto também por um personagem de algum estatuto social: está numa rocha, afeiçoada em jeito de pedestal de estátua, sita entre o farol da Corunha e a enseada que lhe fica a sul, na Galiza. Muito se tem escrito sobre esta epígrafe, quer por o dedicante, Gaio Sévio Lupo de seu nome, se declarar «lusitano» e «eminiense» (ou seja, natural de *Aeminium*, actual Coimbra), quer por ter querido assinalar a sua qualidade de *architectus*. Discute-se se será arquitecto civil, se naval; se terá sido ele o construtor do primitivo farol romano próximo; e, mesmo, se, por ser eminiense, lhe poderemos atribuir o plano do criptopórtico de *Aeminium*<sup>19</sup>. Foi, em todo o caso, personagem relevante e não poderemos deixar de relacionar o contexto geográfico em que os monumentos foram erigidos: no litoral, em zona de nítida vocação marítima. E Marte poderá, pois, ter sido invocado, em ambos os locais, como a divindade que protege mareantes e pescadores na sua luta insana contra um mar nem sempre pacífico nem hospitaleiro...

## EM CONCLUSÃO:

Já ousei apontar a hipótese de a Sines romana ter sido dotada de um fórum<sup>20</sup>, onde a colocação desta estátua teria pleno cabimento. Poderia não ser um fórum administrativo, a implicar, por exemplo, estatuto municipal para o aglomerado; mas um fórum estreitamente ligado à actividade marítima. O novo achado de Conimbriga e a ideia avançada por Virgílio H. Correia dão, quiçá, maior força a essa possibilidade. Só, porém, escavações viabilizadas pela atenção persistente às obras urbanas que aí venham a ser efectuadas poderá trazer mais luz ao debate, infirmando ou confirmando o que ora não pode passar de mera suposição.<sup>21</sup>

*Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, p. 114.

### 16

Cf. ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) et LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, p. 34-35 (inscrição nº 14).

### 17

Agradeço a Virgílio H. Correia o ter-me facultado o texto da sua comunicação, apresentada, a 13 de Dezembro de 2007, no Colóquio Internacional *Cidade e Foro na Lusitânia Romana* (Mérida, Museu Nacional de Arte Romano), intitulada «O forum de Conimbriga e a evolução do centro urbano», em vias de publicação nas respectivas actas.

### 18

Trata-se de um texto colhido nos apontamentos de Cornide, que existem na biblioteca da Real Academia de História, de Madrid (ms 9-3917-59), datável de 1798-1801, que ora se estudou: cf. Juan Manuel ABASCAL, «Marti Augusto sacrum ex mandatu», *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 166, 2008, p. 303-304.

### 19

No texto de Ficheiro Epigráfico já indiquei alguma bibliografia, a que ora posso acrescentar: José d'ENCARNAÇÃO, *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, p. 116-118.

### 20

Cf. José d'ENCARNAÇÃO, «Arqueologia e Epigrafia: uma complementaridade a potenciar», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33 (1-2) 1993 313-327 (p. 317).

### 21

Este trabalho foi realizado no âmbito da investigação do Grupo de Trabalho «Epigrafia e Imagens da Antiguidade e Época Medieval», do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia). Agradeço à Comissão Organizadora do Encontro de História do Alentejo Litoral, na pessoa de Maria José Botelho (do Centro Cultural Emérico Nunes), o convite para, dado que não me foi possível participar, preparar um texto para figurar nas respectivas actas.

**1º ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ALENTEJO LITORAL**  
**18 e 19 de Outubro 2008**

Comissão organizadora  
António Quaresma  
Celina Arroz  
João Madeira  
Maria José Botelho

Secretariado  
Maria José Botelho  
Sofia Ferreira

Coordenação Executiva  
Isabel Silva  
Célia Alves  
Manuela Fonseca

Apoio  
Paula Charrua

Design gráfico  
Cláudia Carril

Cobertura Audiovisual  
Jaime Batalha  
Luís Patta

Espectáculo Musical  
Ana Castanhito  
Rui Vinagre

**Agradecimentos**

*Conferencistas convidados:* Carlos Tavares da Silva;  
Cláudio Torres; Fernando Rosas; Hermenegildo  
Fernandes; José António Falcão; Luís Farinha;

*Moderadores das mesas:* Celina Arroz;  
João Pereira da Silva; José Carlos Guinote;  
Luís Arroz; Luís Patta; Maria José Cunha

**Colaboração**

Teatro do Mar/Associação Contra-Regra  
Teatro o Gato  
Bombeiros Voluntários de Sines



Lg. do Muro da Praia, 1  
7520-151 SINES  
T. +351 914 827 713  
ccemmericonunes@gmail.com  
www.ccen.pt

**1º ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ALENTEJO LITORAL**  
**edição das actas**

Edição  
Centro Cultural Emmerico Nunes

Coordenação  
Isabel Silva  
João Madeira  
Sofia Ferreira

Design gráfico  
Vera Velez

Paginação  
Mariana Machado

Impressão  
Coelho Dias, SA

Apoio à Edição  
PSA – Sines  
Câmara Municipal de Grândola

**ISBN 978-972-99027-5-8**

**Dep. Legal 000000000**

**Setembro 2009**

**Apoios e patrocínios**

APS – Administração do Porto de Sines  
Assembleia Municipal de Sines  
Câmara Municipal de Grândola  
Câmara Municipal de Odemira  
Câmara Municipal de Santiago do Cacém  
Campo Arqueológico de Mértola  
Capitania do Porto de Sines  
Crédito Agrícola – balcões de Sines e de S. Teotónio  
CTT  
Departamento do Património Histórico  
e Artístico da Diocese de Beja  
Direcção Regional de Cultura do Alentejo  
Instituto de História Contemporânea  
da Universidade Nova de Lisboa  
Junta de Freguesia de Sines  
Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal  
Porto de Sines  
Romão Vaz, S.A.  
Sinerama